

SOARES, José Arlindo. *A Frente do Recife e o Governo de Arraes – Nacionalismo em Crise – 1955/1964*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982. 147 p.

Originalmente uma tese de mestrado, o livro supra-referenciado propõe-se analisar a natureza do que se convencionou chamar "Frente do Recife", sua existência e sua atuação no contexto político social pernambucano, durante o período 55/64.

Baseado em dados numéricos eleitorais e apreciações políticas, procura o autor demonstrar como a "Frente do Recife", estruturada em 1955, quando Pelópidas Silveira venceu a disputa pela Prefeitura do Recife, foi crescendo e se fortificando, tornando-se uma força política ascensional, com grande poder de barganha, concretizando alianças eleitorais com a UDN, PSD e PTB, em oportunidades diversas e que, possivelmente, voltaria suas vistas para o plano nacional, caso tivesse conseguido o domínio, por largo período, do campo estadual.

Em estilo fluente e de agradável leitura, apesar dos dados numéricos e das longas apreciações políticas, a obra consegue prender a atenção do leitor pela sua lucidez na apreciação e na análise de fatos e acontecimentos, alguns nem sempre de fácil observação como, por exemplo, o período do governo Miguel Arraes.

José Arlindo Soares busca deixar claro a força eleitoral que representavam as chamadas "esquerdas" (comunistas, socialistas, esquerdas independentes), no Recife (e até em Olinda), cidade na qual as forças governistas jamais obtinham uma vitória, mantendo-se no poder graças aos votos dos demais municípios pernambucanos, principalmente do Agreste e do Sertão como, aliás, ainda hoje ocorre. Tal fenômeno levou Agamenon Magalhães a cunhar uma frase que se tornou célebre: "Recife, cidade cruel".

O fato concreto é que as oposições sempre ganhavam as eleições no Recife. Tais vitórias em muito contribuíram para a formação da "Frente do Recife". Desde a redemocratização, em 1945, quando Yedo Fiúza venceu as eleições presidenciais no Recife; em 1947, com Pelópidas Silveira, candidato a Governador, com 56,74% dos votos recifenses; em 1952, com Osório Borba para Governador; em 1955, com Pelópidas Silveira para prefeito; em 1962, com Arraes para Governador; em 1963, com Pelópidas Silveira para prefeito. Em 1958 e 1962, em aliança eleitoral com a UDN e PSD, respectivamente.

Não se pode deixar de fazer, entretanto, alguns reparos à obra, como o próprio prefaciador o fez, apontando três divergências, sendo que as duas principais nos permitimos endossar:

- 1 – a disputa entre a oligarquia açucareira, dominante até 1930, e a algodoeira-pecuarista, após 1930, aceita pelo autor, realmente não condiz com os fatos, haja vista que ambas sempre dominaram a política do Estado, com predominância da primeira;
- 2 – a diferenciação entre Governo popular e Governo populista, quando o prefaciador diz que o Governador Arraes era um político popular. A Frente do Recife, porém, não nos parece tal, haja vista as

suas alianças eleitorais (ou eleitoreiras) com a UDN e o PSD, que lhe davam um caráter francamente populista.

Além destas, porém, nos parece haver outra que nos arriscamos a apontar. José Arlindo Soares considera a Frente do Recife como uma força eleitoral em grande ascensão e que, como tal, teve a capacidade de eleger um governador, como ápice deste crescimento, em Pernambuco. A nosso ver, contudo, as esquerdas — que na visão do autor seriam, praticamente, a Frente do Recife — eram uma força eleitoral complementar e nunca principal, visto que seus votos se concentravam no Recife, com relativo peso em Olinda e municípios periféricos. Nas eleições de âmbito municipal, a Frente do Recife sempre obteve sucesso, dada a tradição oposicionista do Recife. No plano estadual, só conseguiu sucesso em 1958, pelo apoio dado a Cid Sampaio (79% dos votos do Recife e 51% do interior), vencedor de Jarbas Maranhão por uma diferença de 9,36%. Cid, na realidade, foi o grande eleitor, posto que combatia o PSD, que apresentara um candidato promovido por um Governador “Estrangeiro” como se dizia, na época, do gaúcho Cordeiro de Farias. Em 1962, a Frente do Recife se aliou ao PSD — que visava retomar o poder da UDN, derrotando Cid Sampaio, já então bastante desgastado politicamente. O candidato apresentado pelo Governo, João Cleofas, era um tradicional perdedor (três derrotas seguidas) e se fez impor a Cid Sampaio. O PSD, por sua vez, aceitou a candidatura de Miguel Arraes para garantir, na capital, a derrota do Governo. Impôs, entretanto, Paulo Guerra como Vice, prevendo a curta duração do Governo Arraes, cuja queda — juntamente com a de João Goulart — já estava em gestação, através de uma conspiração em marcha, há algum tempo. Arraes derrotou Cleofas (58% dos votos do Recife e 43% do interior). Armando Monteiro, candidato do PSD ortodoxo, obteve 7,7% dos votos do Recife e 6,14% do interior. Observa-se assim, que mesmo somando os votos de Arraes e de Armando Monteiro (65,7% na capital e 49,14% no interior), Cid Sampaio conseguiu maiores percentuais, em 1958. A derrota de João Cleofas, em 1962, repetiu seu insucesso de 1954, quando as esquerdas o apoiaram e venceram, no Recife, por pequena margem de votos. A vitória de Pelópidas Silveira, em 1955, se deu com 66.87% dos votos, comparecendo às urnas praticamente metade do eleitorado. A abstenção, naquela eleição, foi de 107.271 eleitores. Na eleição de Cid Sampaio, em 1958, o candidato apoiado pelas esquerdas conseguiu 79% dos votos recifenses, quando votaram 157.000 eleitores.

De notar ainda que, em 1961, Jânio Quadros venceu (com 61% dos votos), no Recife, mesmo contra as forças esquerdistas, embora dessa derrota não se possa — nem se deva — descartar o fenômeno nacional que foi a candidatura Jânio Quadros. Em 1963, Pelópidas Silveira, que vencera as eleições para prefeito de 1955 com 66.87% dos votos, ganhou com 49%, decrescendo seu percentual em 17,87%.

Nota-se, pois, que o grande crescimento eleitoral das esquerdas, entre 1955 e 1962, exaltado pelo autor, não ocorreu verdadeiramente. Parece-nos correto concluir que as esquerdas não possuíam um programa, no que pese sua espetacular retórica em defesa de reformas; superestimaram sua força política e eleitoral — como o fez o autor — desvalorizaram, inclusive, o desempenho do

povo, essencial em qualquer processo político, adotando um caráter elitista nas suas ações, sempre visando conscientizar as massas dominadas; não perceberam a conspiração que marchava, em todo o Brasil, mostrando-se perplexas quando ocorreram as ações armadas de 31 de março de 1964; não compreenderam ainda que tinham sido usadas, em 1958, pela UDN contra o PSD e, em 1962, pelo PSD contra a UDN.

Acreditamos, portanto, que a Frente do Recife, englobando principalmente as esquerdas se constituiria, sempre, uma força eleitoral na capital — historicamente oposicionista, porém uma força complementar — em cada eleição trazida a reboque pelas oligarquias açucareiras ou algodoeira-pecuarista, que dela se utilizavam para vencer os pleitos eleitorais.

Como se vê, o livro de José Arlindo Soares é positivo — descontados os pontos de divergências acima apontados — na medida em que proporciona um estudo sobre os acontecimentos políticos pernambucanos, no período, e um debate sobre suas análises e conseqüências.

Eliane Moury Fernandes

Pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco

STOETZEL, Jean. *Les valeurs du temps présent: une enquête européenne*. Préf. par les professeurs R. A. de Moor et J. Kerkhofs. Paris, Presses Universitaires de France 1983. 309 p. (Sociologies, collection dirigée par Raymond Boudon et François Bourricaud) ISBN 2-13-038086-7

Para escrever a obra supra-referenciada o autor — membro do Instituto de França e professor emérito da Universidade René-Descartes ou Paris-V teve à sua disposição o resultado de um amplo inquérito promovido em 1981 pelo Grupo de Estudo dos Sistemas de Valores Europeus, fundação holandesa criada por uma indústria multinacional com sede em Amsterdam. 12.463 pessoas de 9 países da Europa Ocidental — Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Grã-Bretanha, Holanda, Irlanda, Itália e República Federal da Alemanha — receberam o questionário contendo mais de 300 perguntas tanto sobre moral, política, religião, família e trabalho como em relação à situação pessoal, cultural e social de cada inquirido. Os doze e meio milhões de dados recolhidos foram codificados em fichas mecanográficas ou em fitas magnéticas e enviados a Londres, para o processamento eletrônico a cargo do Gallup Poll. Para se ter idéia da magnitude do trabalho confiado ao conhecido centro inglês de informática basta dizer que os dados obtidos para o conjunto da Europa Ocidental constituem em volume de 1.225 páginas e os relativos a cada país ocupam 11.000 páginas.

Qual o objetivo de tão abrangente inquérito? Primeiro, o de analisar e descrever os sistemas de valores morais e sociais, vigentes na Europa; segundo, o de construir um modelo para estudos posteriores, com vistas ao acompanhamento no tempo das mudanças ocorridas nesses sistemas de valores; e terceiro, o de colocar estas informações à disposição dos responsáveis pelas políticas educativas, sociais, coletivas e pastorais.

Segundo me informa o eminente Abade do Mosteiro de São Bento de Olinda, Dom Basílio Penido — a quem devo o conhecimento desta obra — o livro do Professor Jean Stoetzel será discutido num simpósio internacional a realizar-se em Amsterdam, em agosto de 1984, sob os auspícios da fundação holandesa citada no início desta recensão. E Dom Basílio Penido é um dos participantes desse simpósio, como comentador do capítulo sobre religião.